



ENSINAMENTOS SOBRE TEORIA E PRÁXIS: A EDUCAÇÃO COMO SABEDORIA PRÁTICA PARA A CONSTRUÇÃO DA EMANCIPAÇÃO HUMANA.

Kananda Vasconcelos Nascimento¹

David Machado de Oliveira²

Teachings about theory and praxis: Education as practical wisdom for the construction of human emancipation

Resumo:

A partir dos estudos e reflexões sobre a educação enquanto teoria filosófica para a construção do licenciando em Filosofia, tendo como referencial teórico as obras da filósofa bell hooks, o presente trabalho busca discutir a relação entre teoria e práxis, as quais são imprescindíveis para a construção de uma educação emancipadora. É inegável a contribuição filosófica para o Ensino, e para além disso, sendo responsável por situar os seres dentro de sua realidade, ampliar o pensamento crítico, possibilitando de forma autônoma a construção do Sujeito. Tem-se como objetivo apresentar a educação como sabedoria prática, ultrapassando as epistemologias dominantes que hierarquizam o saber. Portanto, nosso trabalho busca mostrar que o atual contexto societário exige, crescentemente, que se abordem temáticas aliadas à práxis, as quais entendam e conduzam a construção humana, com o objetivo de prática de liberdade e emancipação humana.

Palavras-chave: Educação. Pensamento Crítico. Emancipação.

Abstract:

From the studies and reflections on education as a philosophical theory for the construction of the licentiate in Philosophy, having as theoretical reference the works of the philosopher bell hooks, the present work seeks to discuss the relationship between theory and praxis as essential for the construction of an education emancipatory. The philosophical contribution to Teaching is undeniable, and in addition, being responsible for placing beings within their reality, expanding critical thinking, enabling autonomously the construction of the Subject. We aim to present education as practical wisdom, going beyond the dominant epistemologies that hierarchize knowledge. Therefore, our work seeks to show that our current societal context is increasingly required to address issues allied to praxis, to understand and lead human construction with the objective of practicing freedom and human emancipation.

Keywords: Education. Critical Thinking. Emancipation.

1. Professora de Filosofia da EEMTI São Francisco da Cruz, Graduanda do Curso de Filosofia- Licenciatura/UVA, Sobral (CE) e Pós-Graduanda em História da Filosofia e do Pensamento Feminino/Faculdade Vicentina, Curitiba (PR).ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3945-0116>

2. Mestrando e Bacharel em Filosofia/UVA, Sobral (CE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8385-003X>

1. INTRODUÇÃO

É indispensável compreender o pensamento crítico como indissociável da prática, pois ele só existe acompanhado da ação. Ensiná-lo é uma tarefa difícil nas salas de aula, tendo em vista que o corpo discente cresce aprendendo que aquela é lugar de passividade, recepção de conteúdos postos, não sendo ensinados a pensar por conta própria.

O presente artigo terá como base essa premissa, pretendendo, desse modo, compreender a educação como tendo papel fundamental na construção do pensamento crítico, este sempre associado à práxis. Aqui, a teoria se mostra como parte do cotidiano social, sem distinção de raça, classe e gênero.

Tem-se como objetivo a apreensão do pensamento crítico, para além da tradição filosófica, que por muito tempo limitou a epistemologia a um grupo seletivo, fazendo que a produção acadêmica, as discussões teóricas não fossem acessíveis para todos. É preciso enxergar, desse modo, nosso corpo discente com suas particularidades e atribuí-las ao nosso favor, para a construção de uma educação libertadora, como caminho para a emancipação humana.

Há muito tempo compreende-se a educação como ferramenta essencial para a construção dos seres humanos e, conseqüentemente, de uma sociedade mais igualitária, justa e plural. Tendo em vista essa premissa, é preciso construir (no chão da sala de aula) uma educação acessível, ilimitada e sem distinções. Faz-se necessário auxiliar os discentes nessa caminhada, através do pensamento crítico, extinguindo dessa forma, todo e qualquer mecanismo de controle que limite nossos seres ao pensamento fechado e seletivo.

Através da análise do nosso contexto societário atual, a educação, como ferramenta para a educação humana, tem se mostrado extremamente desafiadora. Não se compreende o pensamento para além da teoria, não exercendo (dessa maneira) a principal atividade: o pensamento crítico, que é a práxis.

A teoria aliada à práxis se mostra como a melhor forma para a construção da educação libertadora e emancipatória. O ensino de filosofia como responsável pela construção do pensamento crítico, deve se sustentar nessa visão de educação para que não caia no

erro da educação clássica, a qual, por muito tempo, escolheu seus produtores de episteme. As conseqüências dessa educação seleta nos perseguem até os dias atuais, fazendo que grande parte do grupo de discentes e docentes não consigam enxergar o ensino para além da teoria.

A educação precisa sempre estar voltada para uma sabedoria prática, tornar-se visível para se fazer compreensível. Faz-se necessário desconstruir e desmistificar a ideia de que o saber não atinge a todos, utilizar do nosso papel de educadores para a construção de seres que pensam, produzem, agem e constroem. Portanto, é essencial ter como objetivo um mundo construído por todos e para todos.

É necessário compreender a educação como sabedoria prática, moldá-la com o intuito de que ela faça parte do cotidiano de todos para que, desse modo, possa fazer sentido. É preciso ocupar nosso lugar de educadores e atuar na construção da educação libertadora. No presente artigo, os ensinamentos sobre sabedoria e prática far-se-ão presentes na sala de aula, na nossa vivência enquanto ser humano e na nossa construção pessoal.

A sabedoria não escolhe cor, rosto, corpo ou classe, essa se mostra como intrínseca a todos os seres. A partir disso, é possível construir um mundo diferente do atual, amplo e para todos. A educação democrática precisa ser a realidade possível para todos os indivíduos que tem ficado à margem da construção do mundo, mesmo que esteja resistindo a isso.

É através da resistência desse grupo de minorias – que é a maioria – que será real e possível a nossa educação libertadora. O espaço escolar aqui se mostra campo de transformação, espaço de seres, os quais sentem, pensam, agem e constroem. A educação não pode mais ser espaço de passividade que silencia.

A nossa sociedade neoliberal e individualista vem transformando a educação em grupos de indivíduos separados e sem relação. A educação sofre constante ameaça com esse ideal de mundo individualista, o qual trata seres como meros objetos que asseguram a manutenção do sistema. Apesar disso, a educação se mostra constantemente resistente, e para todos. Não se pode deixar que as "engrenagens do sistema capitalista engulam nossa ferramenta de resistência e transformação." Pois, não se pode esquecer do objetivo

principal da educação: o aprendizado como prática da liberdade e ferramenta essencial para a emancipação humana.

O mundo passivo já se mostrou fadado ao fracasso, a teoria destinada apenas a seletas camadas da sociedade mostra-se errônea. Todo lugar é espaço de aprendizado, apesar da tentativa de tornar invisível esse fato, isso é refutado constantemente, um exemplo é o próprio movimento feminista, antes da luta por igualdade de gênero nosso sistema educacional era pautado "no pressuposto machista de que mulheres não eram tão capazes de aprender quanto os homens, e que nós não contribuíamos com a forma e saber. Esse pensamento dominava toda a cultura escolar do nível baixo ao universitário" (HOOKS, 2020, p.145). O movimento feminista possibilitou que esses pressupostos fossem questionados e reformulados, a resistência continua se mostrando forte e produzindo suas epistemologias. É preciso ampliar o campo do saber e torná-lo prática para sua eficácia, como afirma bell hooks,

Ninguém diria que o machismo no ensino superior foi erradicado. Ainda assim, seria impossível negar as maravilhosas mudanças que as perspectivas feministas e o ativismo antimachista possibilitaram na educação. Educadores devem se manter atentos para garantir que preconceitos machistas não se tornem novamente a norma. O pensamento feminista restitui integridade ao ensino superior e assegura que preconceitos machistas não mais corrompam o conhecimento e o processo de aprendizagem. (HOOKS, 2020, p.149)

O mundo se faz constantemente mutável a partir das relações e comutações humanas, ele não é e não será estático. É preciso utilizar a educação como ferramenta para a emancipação humana, para que isso ocorra, os seres humanos devem mostrar-se não apenas como seres que possuem a faculdade do pensamento, mas capazes de pensar criticamente. Apenas a atividade do pensamento crítico permite transformações, a construção de sujeitos que transformam o mundo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Através de sua trilogia escrita sobre a educação, bell hooks propõe novas formas de pensar a sala de aula, o pensamento crítico, a sabedoria, a práxis e a liberdade, além de como todos esses fatores estão interligados na construção de uma educação emancipadora. Desse

modo, a filósofa nos propõe ensinamentos a partir de sua vivência como teórica, educadora e, para além disso, ser humano que vive e se constrói a partir de suas relações com outros.

Primeiramente, bell hooks expressa o pensamento crítico como indispensável na construção do ser humano como agente transformador, mas que esse deve estar atrelado sempre à prática. São inegáveis as dificuldades enfrentadas atualmente na sala de aula como espaço de passividade, por isso há necessidade do movimento contrário a esse: ensinar o pensamento crítico para a verdadeira transformação.

A filósofa também expõe que o caminho para o pensamento crítico é lento, e ninguém se torna pensador crítico da noite para o dia, é um processo que depende do uso de outras ferramentas para o alcance desse objetivo:

Estudantes não se tornam pensadores críticos da noite para o dia. Primeiro ele precisa aprender a aceitar a alegria e o poder do pensar propriamente dito. A pedagogia engajada é uma estratégia de ensino que tem por objetivo recuperar a vontade dos estudantes de pensar e a vontade de alcançar a total autorrealização. O foco central da pedagogia engajada é capacitar estudantes a pensar criticamente. (HOOKS, 2020, p.33)

Para isso, a sala de aula precisa ser um espaço democrático a fim de que as desigualdades sejam enxergadas, e a democracia seja aliada da justiça social. É indispensável citar como a sociedade neoliberal vem enfraquecendo a educação como prática de liberdade e democracia, incentivando que aquela seja vista apenas como meio para alcançar sucesso material.

A educação democrática fornece o uso do pensamento crítico a fim de se contestar privilégios postos através de uma avaliação racional. Ademais, propicia meios para se enxergar a necessidade da união das diversidades, pois a educação democrática nos dá voz e amparo para lutarmos contra as mais variadas formas de opressão. Paulo Freire (1921-1997) comenta sobre a necessidade de se construir uma democracia militante, que visa essa democratização da educação:

Defendê-la é levá-la àquilo que Mannheim chama de "democracia militante". Aquela que não teme o povo. Que suprime os privilégios. Que planifica sem se enrijecer. Que se defende sem odiar. Que se nutre da criticidade e não da irracionalidade. (FREIRE, 1967, p.121)

Por isso que se faz necessário o engajamento, na sala de aula, para além do conteúdo ensinado, é preciso saber onde os estudantes estão. No processo do aprendizado, é sempre necessária a participação de ambas as partes – professores e alunos – nas atividades, a fim de que aconteça, de fato, isso que bell hooks chama de “pedagogia engajada”. Ela é essencial no processo da educação democrática como prática da liberdade.

É o movimento de ideias que constrói esse relacionamento propício ao saber. A sala de aula é o lugar onde se deve estar por inteiro, mesmo que isso signifique expor suas fragilidades. O ensino acontece nesse espaço dialético, o qual nem sempre é construído através de teorias. É nesse sentido que a pedagogia engajada abre espaço para a grande diversidade de alunos e reconhece suas particularidades, “abraçando-os,” ela torna o ensino direito de todos e todos produtores de epistemologias. É nesse sentido que bell hooks afirma:

Ao expandir o coração e a mente, a pedagogia engajada nos torna aprendizes melhores, porque nos pede que acolhamos e exploremos juntos a prática do saber, que enxerguemos a inteligência como um recurso que pode fortalecer nosso bem comum. (HOOKS, 2020, p.51)

Com base nessa pedagogia engajada, que visa a diversidade, faz-se necessária, primeiramente, a desconstrução das ideologias postas como algo natural, intrínseco ao ser humano. Sendo que a prática da descolonização é essencial para a educação, como prática da liberdade, oferecer novas formas de enxergar o mundo e enxergar-se.

Os movimentos negro e feminista foram os maiores responsáveis pela descolonização do pensamento, dando novas perspectivas para o alcance de uma liberdade igualitária. Pois, a mentalidade colonizadora nos bombardeia diariamente, moldando consciências e ações dos seres humanos. Precisa-se cada vez mais olhar o mundo de forma crítica, pensar em novas formas, novas perspectivas.

A educação deve ser um processo de descolonização de mentes, de professores e estudantes. Deve-se sempre aliar a educação à busca pela liberdade, através do pensamento crítico para transgredir e transformar, “Ao compreender que a libertação é um processo contínuo, devemos buscar todas as oportunidades para descolonizar nossa mente e a mente de nossos

estudantes” (HOOKS, 2020, p.59)

A educação colonizadora sempre teve como objetivo tornar invisíveis as minorias, ensinando a incapacidade de produção de epistemologias, proveniente de determinados grupos. Para destruir o pensamento colonizado, faz-se necessário que também os professores estejam disponíveis para aprender a enxergar o mundo por meio de novas perspectivas. É necessário ter o propósito enquanto educadores, que descolonizem o pensamento dos alunos, através do pensamento crítico, para a prática da liberdade.

No processo do ensino, deve-se buscar garantir, sempre que possível, a conexão entre teoria e prática. Sendo a sala de aula um ambiente plural, faz-se necessário criar um diálogo sobre as diferenças, de modo que ambos “enriqueçam”. Dessa forma, a prática colaborativa é essencial para usar as diferenças ao nosso favor, fazendo que ambos os lados estejam sempre abertos para o pensamento crítico a fim de seguir na direção da educação como prática da liberdade e ampliar a possibilidade de um mundo melhor.

É necessária uma parceria na aprendizagem – pedagogia engajada – para que esse processo funcione e a sala de aula possa ser, através da mediação do educador, espaço para a construção do pensamento autônomo. A conversação, como ferramenta de ensino, é uma das práticas mais democráticas, pois permite que todos participem, “dando voz” aqueles, os quais, por muito tempo, foram silenciados.

Precisa-se engajar a troca dialética que a conversação proporciona, pois esta envolve doação mútua, mas nem todos os alunos dispõem de habilidades básicas para a comunicação. Desse modo, a conversação promove compreensão que pode minar barreiras de intolerância, a conversação como chave para aquisição de conhecimento.

Tenho esperança de que futuros educadores conversem cada vez mais, entre si e entre os estudantes, de modo que o modelo de conversação enquanto caminho para o aprendizado seja considerado legítimo como espaço genuíno para o pensamento sério e rigoroso. (HOOKS, 2020, p. 86)

Com base nisso, pode-se desenvolver uma metodologia de contar histórias como forma de despertar os mais variados sentimentos nos receptores, para que a partir

dessas histórias, construa-se o pensamento crítico, através da vivência, como contribuição na vida teórica. Uma das formas de "construir" uma comunidade de aprendizagem é contar e ouvir histórias, conhecer uns aos outros.

O movimento feminista, do "O pessoal é político", foi um grande precursor das modificações nas estruturas educacionais, demonstrando e ressaltando a importância de compartilhar histórias. Com isso, ter acesso aos mais variados tipos de história amplia a visão sobre o mundo e torna os seres pensadores críticos.

Por muito tempo, esse "contar histórias" foi associado a uma ideia de infantilização, pois fazer o uso da imaginação remete à imaturidade. Desse modo, faz-se necessário tornar a imaginação uma forma de resistência, essencial para o grupo de minorias, pois a imaginação pode ser um mundo possível, uma válvula de escape. "Indivíduos de grupos marginalizados, sejam eles vitimados por famílias disfuncionais ou por sistemas políticos de dominação, frequentemente encontram seu caminho para a liberdade atendendo ao chamado de imaginações proféticas." (HOOKS, 2021, p.202) Possibilitando a expansão da mente, a utilização da imaginação, como ferramenta educacional, promove liberdade para o acesso ao mundo em suas mais variadas formas, sem restrição alguma.

Sobre a importância de contar histórias bell hooks discorre lindamente:

Porque, ao escrever várias histórias sobre o eu em mim e ao contá-las em livros e em sessões de terapia, meu espírito ferido começou a cicatrizar. O assassinato da alma que sentia quando criança já não era marca do meu ser; ao contar histórias, entrei em uma zona redentora. Adentrei um mundo de recuperação da alma. Aos poucos, eu pegava os cacos de minha psique e os juntava novamente, criando um processo de histórias novas e diferentes – contos libertadores. (HOOKS, 2020, p.91-92)

Por muito tempo, a tradição acadêmica impediu que sua construção fosse expressa de modo humano e pessoal, delimitando quem construía e fazia parte desse ambiente seletivo. Dessa maneira, a ideia de que para o indivíduo ser um bom acadêmico, ele deve ser "sério", foi instaurada e implementada pelo tradicionalismo acadêmico. Por isso, não se é educado para valorizar a inteligência emocional, a temática é vista como fraqueza porque a sociedade é ensinada a apreciar a

mente/racionalidade, estas devem dominar o corpo e sentimentos.

Contudo, não se pode retirar do ser sua humanidade, o que o constitui. Por isso, que na sala de aula se desencadeiam crises de choro em alunos por conta de "gatilhos" emocionais causados pela vida real. Faz-se necessária a compreensão do todo emocional e compreender que lidar com humanos é ter sempre a possibilidade de esbarrar em suas fraquezas e traumas, "Se permitirmos a possibilidade de lágrimas, uma insurreição de conhecimento subjugado pode ocorrer." (HOOKS, 2020, p. 134)

O conflito na sala de aula serve como troca, debates, a forma dialética de aprendizado. A falta de conflito, na verdade, silencia os mais variados pontos de vista da nossa sociedade diversificada e plural. Segurança na sala de aula deveria significar saber tratar situações de conflito, de maneira construtiva, para que haja troca. Falta de conflito não deveria significar espaço seguro, a sala de aula deve ser sempre espaço de liberdade e diálogo.

Situações de conflito são essenciais para mudanças, foi exemplificado aqui como o movimento feminista tornou a educação mais democrática, a partir do momento em que rompeu com os ideais patriarcais naturalizados. A educação feminista revolucionou o ensino e vem sendo "ferramenta" de resistência essencial para que o nosso mundo não caia nos ideais patriarcais da supremacia branca novamente.

É com base nisso que o aprendizado deve ser constantemente redefinido, atualizado, para que a sala de aula se mostre um lugar melhor, mas, para isso, é necessário que haja diálogos construtivos entre professores e alunos. Quando há esse engajamento, a sala de aula se mostra um lugar de constante construção, abrindo espaço para repensar e extinguir a estruturação da sala de aula como um modelo de dominação – professor/aluno – e torná-la espaço para o afeto mútuo.

Em seu livro "Tudo sobre o amor", bell hooks afirma: "Não há lugar melhor para aprender a arte do amor que numa comunidade" (HOOKS, 2021b, p.161), na sala de aula não é diferente, sendo a escola parte significativa da comunidade, é preciso enxergar o ensino como prática do amor. Este sempre nos afastará da dominação, pois ele causa transformação. O amor sendo, segundo a

autora: cuidado, havendo comprometimento, responsabilidade, respeito e confiança, torna-se “ferramenta” essencial da sala de aula:

Em Tudo sobre o amor: novas perspectivas, defini amor como uma combinação de cuidado, comprometimento, conhecimento, responsabilidade, respeito e confiança. Todos esses fatores atuam de modo interdependente. Quando esses princípios básicos do amor formam a base na interação professor-estudante, a busca mútua por conhecimento cria as condições para um aprendizado ideal. (HOOKS, 2020, p.239)

Apesar da obsessão da nossa sociedade pelo amor, ele ainda é visto como símbolo de fraqueza que barra a liberdade. Faz-se necessário dissociar o amor do ideal patriarcal, mostrar, de fato, sua importância para nossa construção enquanto seres humanos. O amor continua sendo a melhor “ferramenta” para ameaçar todo e qualquer ideal capitalista vigente.

Com isso, aliando o ensino ao afeto, à pluralidade ao engajamento, à comunidade à democracia, tornamos o ensino voltado para a prática da liberdade, o que é essencial para a construção de seres emancipados. É preciso tornar a educação teórica aliada da práxis, para que se possa construir um mundo melhor, possibilitando a emancipação dos seres. Por isso, bell hooks afirma:

A academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade. (HOOKS, 2013, p.273)

3. METODOLOGIA

A natureza da pesquisa é bibliográfica e qualitativa, o que propiciará à reunião dos textos da bibliografia básica (deste estudo) uma abordagem filosófica de cunho hermenêutico - dialética. Esta abordagem visa realizar uma interpretação do texto pelo texto a fim de entender como tais conceitos podem ser abordados pelo campo da política e da educação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, que a teoria filosófica, desenvolvida por bell hooks, abre espaço para pensar o ensino para além do compartilhamento de conhecimento. Precisa-se transformar a sala de aula em um espaço que possibilite a liberdade de pensamentos, que a partir da mediação do professor, nossos alunos adquiram o pensamento crítico e a autonomia de pensar por conta própria. Precisa-se tornar os pensamentos dos alunos emancipados e não os barrar no seu caminho de encontro à liberdade.

A conexão essencial entre pensamento crítico e sabedoria prática é a insistência de que o conhecimento não pode ser dissociado da experiência. O pensamento crítico precisa ser uma atividade contínua que não se resume somente à sala de aula, ele precisa ser prática cotidiana e exercitado em todos os locais. Na obra: “ensinando pensamento crítico: sabedoria e prática”, bell hooks afirma: “Quando criamos um mundo em que há união entre teoria e prática, conseguimos nos engajar livremente com as ideias.” (HOOKS, 2021a, p.277). E essas ideias, desenvolvidas a partir do pensamento crítico e autônomo, tornam-se “ferramentas” para a construção da emancipação humana.

O ensino sistemático que controla e molda a educação de nossas instituições precisa ser reformulado. Faz-se necessário tornar o ensino significativo em todos os ambientes, de maneira que ele ultrapasse as barreiras da academia e se faça presente e acessível a todos. É preciso apresentar o ensino não somente como acumulação de conhecimento, mas como sabedoria prática, a qual torna compreensível todo o contexto material em que estamos inseridos.

A educação como prática da liberdade precisa, primeiramente, ser acessível a todos. Enquanto nossas instituições moldarem a forma de pensar e inibir seus alunos para o pensamento teórico “fechado” e indiscutível, a educação não se realizará de maneira plena. O ambiente de aprendizado precisa “enxergar” seus integrantes como eles realmente são: sujeitos transformadores do mundo. Educandos de todos os lugares e de todas as idades são seres possuidores de autonomia, pensamento, a educação precisa agir como ferramenta para a construção de um mundo livre:

Quando aceitamos que todo mundo tem habilidade de

usar o poder da mente e integrar pensamento e prática, reconhecemos que o pensamento crítico é uma forma totalmente democrática de saber. Ao nos convidar para examinar criticamente nosso mundo, nossa vida, a sabedoria prática nos mostra que todo aprendizado genuíno exige de nós uma abertura constante, uma disposição de se engajar na invenção e na reinvenção, de forma que possamos descobrir esses espaços de transparência radical onde o conhecimento pode emponderar. (HOOKS, 2021a, p.280)

É urgente a prática pedagógica pela liberdade, a mediação (através do ensino) para a "construção" de

alunos com pensamento crítico e autônomos, a ampliação do campo educacional para além de resultados classificatórios. A educação precisa de uma transformação, a teoria, mais do que nunca, estar aliada à prática. Faz-se necessário que haja um movimento contrário ao sistema neoliberal, que limita e interrompe nosso pensar, de acordo com a manutenção do sistema. Aqueles que lutam por uma educação como prática da liberdade, precisam continuamente romper com as barreiras educacionais sistemáticas e tornar, dentro de nossas possibilidades, a educação como "ferramenta" para o alcance da emancipação, aliando a teoria à práxis.

5. REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante, 2021a.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021b.